

A BATALHA

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.ª andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2469

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SÁBADO, 18 DE DEZEMBRO DE 1926

A situação da Organização Operária

O Comité Confederal, numa das suas últimas reuniões, lançou as suas vistas para o problema sindical da hora que passa e verificou, como todos os militantes vinham notando, que ele é grave e requiere pronta e decisiva solução. Estamos realmente numa hora grave, ninguém o pôde duvidar e todos o vêm constatando. Merece, pois, decididos aplausos o Comité Confederal por o ter constatado também.

Não quis, em face dos factos, ficar de braços cruzados. Pesou bem a situação, analisou os factores que a tornavam grave e, depois de ponderada discussão, resolveu publicar o parecer que *A Batalha* ontem deu à publicidade.

Esse parecer é um documento importante e nele se verifica que não houve hesitação, por parte do Comité Confederal, em encarar o problema em toda a sua cruz. E, como para grandes males, grandes remédios—grandes foram, portanto, os remédios que preconizou.

Vai agora apreciá-los o Conselho Confederal. A mesma ponderação, o mesmo desejo de engrandecer a Organização Operária animarão de certo os seus delegados. E se assim não for, piores dias estarão reservados à Confederação.

Em face da gravidade da situação, não se pode perder tempo. E' preciso acção—e acção renovadora, é o que preconiza o Comité Confederal na sua nota que ontem publicamos.

Sempre dissemos que na propaganda metódicamente realizada estava o segredo da vitória. Dissemos-lo durante dias seguidos. Chegámos a desanimar, julgando que não éramos escutados. Mas não, os nossos esforços acabam de ir ao encontro dos esforços do Comité Confederal. E se, entre *A Batalha* e o Comité da C. G. T., sempre houve uma perfeita identidade de vistas, como seria lógico, e uma estreita concordância de atitudes, desta vez, com a resolução em referência essas afinidades tornaram-se maiores, criando-nos a grata esperança de que veremos coroados de êxito os nossos desejos comuns.

Estamos convencidos de que o proletariado, principalmente os seus elementos mais activos, leu com grande atenção o parecer a que vimos aludindo. Mais do que um parecer, aquele documento é uma exortação eloquente, como que um toque a reunir das forças sindicais—que são muitas, embora adormecidas—para uma grande obra de reconstrução que urge iniciar.

Os que desejam o progresso e o prestígio da Organização Operária podem apressar-se para o trabalho, na certeza de que encontram na C. G. T. aquele salutar ambiente de carinho e de incitamento que bem dispõe os espiritos para os mais arrojados empreendimentos.

BREVEMENTE

começarão os leitores de *A Batalha* a tomar conhecimento de um interessante estudo económico acerca de

O salariato

Este trabalho, que aborda a questão mais complexa para o proletariado, é firmado pelo nome mundialmente prestigioso de

KROPOTKINE

O estudo, a que nos referimos, é ainda pouco conhecido em Portugal, apesar do seu notável valor. Entre outras razões de ordem social, foi a raridade que nos inspirou a publicação do trabalho de Kropotkine

Em A BATALHA

Alemães e italianos entendidos

BERLIM, 17.—A Agência Wolff anuncia poder considerar-se definitivamente concluído o tratado de arbitragem italo-alemão. Por outro lado, os jornais anunciam a partida do sr. Stressemann para Roma.—H.

Violenta tempestade

NOVA-YORK, 17.—Uma violenta tempestade, acompanhada dum grande frio, caiu sobre os Estados Unidos, interrompendo as comunicações e fazendo numerosas vítimas.

Imperialismo americano

LONDRES, 17.—O correspondente do *Times* em Havana diz que o tratado entre os Estados Unidos e o Panamá contém um artigo pelo qual aquela república se compromete a enfiar ao lado da Norte-América, logo que esta se veja em guerra com outra potência.—L.

INSTRUÇÃO PÚBLICA

A responsabilidade do caos em que ela se encontra pertence a vários ministros e ao Estado, afirmou-o o actual ministro da Instrução

A mentalidade burguesa, asinina por indole, dá à palavra Anarquia significado de desordem. Quando um dos serviços públicos corre destrambelhado, o que aliás poucas vezes não sucede, alguns cavalheiros, cuja deficiência intelectual há muito tempo é manifesta, ousam proferir: reina a anarquia nos serviços...

Anarquia é, para esses mentecaptos, sinónimo de desordem, síntese de desarmonia e de desorientação. Anarquia, para esses burros, não tem o verdadeiro e grande significado: Paz, Amor, Harmonia.

Onde com mais frequência se emprega o estúpido sinónimo burguês é nos serviços de instrução. O lugar comum «reina a anarquia nas escolas primárias», de sedição, enfim.

Uns conselheiros Acácios que para aí vegetam há muito tempo, entregaram-se a essa triste tarefa. Medo de por condição infata, esses indivíduos atiram para o corpo docente das escolas e até para o corpo docente, as responsabilidades do caos em que se encontram os serviços de instrução pública, como se professores e alunos fossem os culpados da burocracia que assila um país.

Veze sem conto, com sólida argumentação, temos destruído essa parva ideia. Professores e alunos são os únicos que sofrem com a actual situação sem para ela nada terem contribuído.

Não somos só nós que o afirmamos. Não são só os elementos avançados que proclamam essa grande verdade.

Com a opinião destes estão muitas pessoas, algumas até de insuspeito conservantismo. Mas há um outro poder que mais alto se levanta, e tão alto ele se levanta que se some, possivelmente, para as regiões etéreas...

Porisso os serviços de instrução pública têm caminhado como nós sabemos.

Alto encontro do pensamento a que nos acabamos de referir veio agora o ministro da Instrução, numa entrevista concedida a um jornal da manhã.

O dr. Alfredo de Magalhães disse verdades amargas. Produziu afirmações estupendas que horrorizariam uma população se esta fosse composta por pessoas propensas às grandes comóções.

Veja o leitor a primeira das suas afirmações: «Ninguém se entende—acentuou. Todos os ministros que por aqui passaram—e não sei já quantos—são—têm a mania de reformar, cada um à sua maneira, uns estes serviços, outros aqueles, de forma que tudo isto anda à matroca, a tal ponto, que sucede em muitos casos que as noções adquiri-

das na escola primária sobre determinado assunto são completamente modificadas no liceu e nas escolas superiores.»

Final, é um ministro que nos assevera que foram os seus antecessores os culpados da forma como tudo anda à matroca. A responsabilidade desses ministros vai ao ponto de as escolas superiores e liceus anularem o que a escola primária faz. Esse facto sugere-nos uma pergunta: para que serve, então, a escola primária?

Nesses casos nos serviços de instrução pública não reina a Anarquia, o que seria maravilhoso, mas a República, o que é desastroso!

O ministro da Instrução teve ainda outra frase lapidária:

«Eu acho que deve dar-se ao ensino a mais completa harmonia, com um carácter profundamente nacionalista, ligando-o estruturalmente desde a escola infantil aos mais altos ramos do ensino. Sem essa harmonia tudo será inútil. Pois não lhe parece?»

Estáramos de acordo com este pensamento se o dr. Alfredo Magalhães tivesse dito... com um carácter profundamente racionalista, e não nacionalista como opina.

Dissertando sobre o abandono a que têm sido votadas as escolas, o ministro da Instrução afirmou, em resposta à pergunta sobre se o ensino primário tem sido abandonado criminosamente:

«Criminosamente. Quere saber quantas escolas primárias se podem considerar condenadas, por funcionarem em casas impróprias? Nada menos de 993, ou sejam 70% das existentes. São números oficiais, ainda não tornados públicos. E quere saber quantas, estando criadas de há muito, não funcionam por falta de casa? Nada menos também de 2.450. O Estado não tem pensado em construir edifícios próprios para escolas, pois só em casas arrendadas, conseguidas ao acaso e, portanto, funcionando imprópriamente, há 3.428.»

Querem melhor? E' o próprio ministro da Instrução quem nos vem dizer, que o Estado não tem cuidado do assunto.

Logo a responsabilidade de tudo quanto passa se deve ao Estado e aos seus órgãos e não aos valerosos professores que—quantas vezes!—para viverem decentemente têm que procurar nas outras profissões os meios de subsistência.

E nós a julgarmos, devido à nocividade do Estado, que estávamos sós a proclamar a sua destruição. Afinal, há mais pessoas. Cá vamos arquivando os seus nomes.

Um Sarau da Escola Ferreira Borges

E' em 8 de Janeiro próximo, e não em 11 do corrente como primeiramente se anunciou, que a Secção Dramática da Associação Académica da Escola Commercial de Ferreira Borges realiza, no Grémio Lafonense, o seu sarau anual que promete revestir este ano o maior brilhantismo, dada a colaboração de valiosos elementos e o entusiasmo que esta iniciativa tem despertado.

Do programa faz parte um imponente baile, que se prolongará até às 6 horas da manhã, abrilhantado por uma orquestra de «jazz-band», sob a direcção do exímio violinista Esteves Ferreira Junior.

A Secção Dramática desta Associação está muito grata às entidades que até agora lhe têm dispensado a sua franca colaboração, destacando-se a Direcção do Grémio Lafonense e a do Club Recreativo «Os Choras», esperando continuar a merecer o auxílio de todos.

A história do desarmamento

VARSÓVIA, 17.—O marechal Pilsudski afirmou numa conferência que a situação actual da Europa não permite a realização do desarmamento e que, pelo contrário, é necessário manter o exército polaco na sua plena eficácia.—H.

Um desastre na aviação

LONDRES, 17.—Ontem, quando um aparelho de Bristol pilotado pelo oficial Serly e cabo Bond voava a 600 pés de altitude, caiu sobre o acampamento de tropas indias despedaçado de encontro a um muro que abateu. Os aviadores ficaram gravemente feridos.—L.

Uma estatística como qualquer outra

MOSCOU, 17.—Segundo uma estatística oficial, durante a revolução bolchevista foram destruídas 4.345 pontes de caminhos de ferro e 11.000 locomotivas.—H.

INSTRUÇÃO

Universidade Nacional de Instrução e Educação

Continuam abertas as matrículas todos os dias das 10 às 16 e das 19 às 23 horas, na sede da 2.ª secção desta Universidade, instalada na rua do Paraíso, n.º 28-1.º, para os cursos diurnos e nocturnos de primeiras letras, instrução primária, trabalhos manuais, caligrafia, português, francês, aritmética e escrituração commercial, podendo inscreverem-se nestes cursos como alunos, todos os indivíduos de ambos os sexos, crianças e adultos de qualquer profissão.

Nos próximos meses de Janeiro e Fevereiro iniciar-se-ão uma série de festas educativas e instrutivas cujo produto reverteverá em benefício desta secção.

Uma festa no Ateneu Commercial

Realiza-se amanhã, pelas 14,30 horas, no Ateneu Commercial de Lisboa, uma festa de Natal, promovida pela Cruzada de Protecção à Orfandade Feminina. Haverá uma sessão solene, vários recitativos, distribuição de brinquedos e baile, havendo, também, concerto de «jazz-band».

SINDICALISMO E ANARQUISMO

UMA TESE CEDIDA

Já um consciente militante sindicalista, em dois sensatos artigos insertos neste jornal, rebateu duma maneira fulminante as peregrinas objecções que foram opostas ao meu singelo escrito de 28 do mês passado. Porém, se no que concerne à parte própria, doutrinária o assunto se pode considerar esgotado, não devo contudo abster-me de expor o que se me oferece quanto a outros aspectos da discussão, e para esse efeito não aperei, como, em longa tirada, fez o meu opositor, para Nosso Senhor Jesus Cristo, nem para o Diabo, mas tamsomente para o bom-senso, que é sobretudo de bom-senso que se carece quando se agitam questões desta natureza.

E, sem mais detença, passo a entrar em matéria.

Começarei por dizer que nenhuma pessoa de bom-fé que tenha seguido a minha acção no movimento operário pode ter dúvidas acerca da espécie de sindicalismo que defendo. Afigura-se-me, porém, que até mesmo aquelas criaturas que só me conhecem através desta minha série de escritos—e não é este o caso do meu contraditor—concluíram sem esforço que o sindicalismo que perfilho é o que preconiza a acção directa, o que visa à abolição das classes, o que quere dizer que não pode ser senão o sindicalismo revolucionário.

Mas está visto que o meu contraditor ignorava esse pormenor, ou antes, conheceu-o e não quis estivesse empenhado em manter-me com correcção neste debate, classificá-lo com o termo próprio. E, ao mesmo tempo que acusa a existência dumais ou sete espécies de sindicalismo, confundindo lastimavelmente o sindicalismo operário (que de outro me não tenho occupado), com o que chama sindicalismo patronal—o que é tão parecido como com intrepidez na defesa da tese de que o sindicalismo revolucionário é, por contextura, por índole, por qualidade intrínseca, anarquista—tese cedida, posta de lado há mais duma vintena de anos pelos avançados que então a sustentaram, o que significa que o meu opositor, apesar de se ufanar de ter pé leve, anda assaz recuado nestes assuntos. Ora se isto é inadmissível em pessoas medianamente desempoeiradas, muitíssimo mais o é em anarquistas, que para o serem duma maneira completa têm que mostrar-se espiritos progressivos e não rotineiros, conservadores, dogmáticos.

Pretendendo convencer que quem se não prosterna perante a Autoridade é forçosamente anarquista, reinde, é claro, na afirmação de que o libertarismo é a mesma coisa que anarquismo e, muito anco com a descoberta, enchie o período de sinais de exclamação, assim à laia de luminárias. O pior é que de tais luminárias sai uma luz muito mortíca, e tão morredica ela é que o meu contraditor considera libertarismo—que eu, na boa companhia de elementos avançados, distingo de anarquismo—como doutrina, quando é certo que se o anarquismo, como sistema filosófico, tem de ser assim considerado, visto que é um conjunto de princípios que, reunidos, formam um corpo de doutrina, não sucede a mesma coisa com o libertarismo, que não é tal doutrina, mas intuição, sentimento, movimento de alma e não sistema filosófico.

E ajuntarei que no número dos elementos avançados que fazem distinção entre anarquismo e libertarismo se encontra precisamente aquele a quem o meu opositor aludiu no seu primeiro artigo, o mesmo espirito que redigiu o livro *Organização Social Sindicalista*, que entende que o termo *libertário* não é sinónimo de anarquista, tendo antes uma aceção mais ampla.

Falando do Congresso de Tomar, contestei o meu contraditor que dessa magna reunião tenha saído a unidade operária, afirmando que, pelo contrário, a *desunidade* perdurou antes e depois de 1914, embora mais adiante, contradizendo-se, confessasse que «absteu a revolução russa para que os campos se estremassem», o que, como é óbvio, anula a asserção anterior, visto que se os campos se estremassem, por que antes tinham estado reunidos. Acrescentarei que a revolução russa surgiu alguns anos depois da realização do referido congresso, como toda a gente sabe. Não é, porém, de estranhar que o meu antagonista, aliás pessoa ilustrada, mostre ignorância destas coisas, que conhece vagamente, de ouvido, assim como de estranhar não é que desconheça que a unidade da organização operária portuguesa só deixou de ser um facto depois do congresso da Covilhã, levado a efeito em 1922, isto é, oito anos depois do de Tomar.

A' sua pergunta: «Porque razão se estabeleceu a C. G. T. com o carácter libertário?» (no sentido anarquista, está entendido), respondo assim: Pela simplicíssima razão de terem pretendido deslocar a organização sindicalista do terreno que lhe é próprio, isto é, exactamente por se ter deixado de fazer sindicalismo revolucionário, para se passar a fazer anarco-sindicalismo.

Que unidade não é *unidade*, sentença o meu contraditor, e a propósito faz uma divagação, para concluir que os dois termos se contradizem, o que não contesto,

O ESCANDALO DO "SECULO"

A Moagem exhibiu-se ontem na Associação Commercial descrevendo estrambóticas piruetas que enfadaram a assistência

Mais um espectáculo sensaborão na Associação Commercial de Lisboa. O de ontem ainda era aguardado com ansiedade. Esperava-se que o artista Carlos Ramires Reis, presidente do conselho de administração da Companhia Industrial Portugal e Colónias, vulgo Moagem, realizasse um trabalho de goito, que competisse com o do seu colega Pereira da Rosa.

Porém assim não sucedeu. Carlos Reis falou durante duas horas e vinte minutos, dissertando sobre a venda do lote de acções à Sociedade Nacional de Tipografia, proprietária do jornal *O Século*, e lendo inúmeros documentos que constituem o seu volumoso dossier.

A verdade, porém, é que as mais graves acusações do chefe do trio acrobático Pereira da Rosa ainda se conservam de pé. Como verdade é que Carlos Reis apenas procurou defender-se das acusações feitas, não tendo o arrojado de Pereira da Rosa: revelar a podridão dos processos dos seus colegas.

Porque o director do *Século* seja uma pomba sem mácula? Isso sim! Simplesmente porque Carlos Reis o poupou. E, porque quem o seu inimigo poupa nas mãos lhe morre, é naturalíssimo que o representante da Moagem sucumbia quando Pereira da Rosa volte a falar.

O enjôo...

O interesse pela assembleia geral extraordinária da Associação Commercial declina a olhos vistos. A assistência de ontem foi menos numerosa, talvez metade do que a do penúltimo espectáculo.

A's 21,45 horas, o presidente, Carlos de Oliveira, dá execução ao primeiro número: Tem a palavra o sr. Carlos Ramires Reis!

O representante da Moagem principia por esclarecer as suas palavras da última sessão deturpadas, segundo o orador, por alguns jornais.

Conta novamente como foi feita a venda das acções da C. I. P. e C. à Sociedade Nacional de Tipografia, procurando demonstrar que essa venda foi lícita e não irregular como Pereira da Rosa asseverou.

A confirmar as suas declarações leu vários documentos—do tal volumoso dossier—entre os quais um que se refere ao processo movido por Silva Graça contra Rugeroni.

A seguir explica que como Rugeroni não tinha em seu nome, Silva Graça renunciou ao processo crime e entrou no regime de acordo.

Depois, fazendo sempre acompanhar as suas afirmações por documentos, leu e mandou para a mesa a pública forma de uma declaração dos membros do Conselho Fiscal da Sociedade Nacional de Tipografia pelo qual se verifica que os signatários concordaram com a quitação feita ao sr. Rugeroni.

Igual opinião tiveram três quartas partes da totalidade dos accionistas. Isto prova—

devido, porém, ajuntar que já havia lido isso no mesmo autor em que recolheu a lição, isto é, em Hamon. Para o caso o que todavia mais importa é o sentido da palavra e não a palavra em si e, sob este aspecto, nego que as massas operárias não deem ao termo *unidade* o mesmo significado de *unido*, porque de facto não fazem a distinção que lhes é atribuída. E a corroborar o que venho mostrando sobre esta particularidade a relutância que agora apresenta, pois falou então mais vezes em *unidade* que em *unido*, pelo que tenho que consignar uma reviravolta da sua parte.

E agora devo declarar que, ao contrário do que insinua o meu antagonista, não me sorrio ironicamente do idealismo anarquista, nem tampouco tenho qualquer animadversão às pessoas que esse ideal seguem, antes me merecem o maior respeito, como respeito igualmente me merecem todos os indivíduos que com sinceridade perfilham quaisquer princípios, ainda que estes sejam diametralmente opostos aos meus—se é que dão licença que um sindicalista tenha princípios próprios.

Uma coisa é, porém, respeitar o ideal anarquista, outra constatar a afirmação de que a existência do sindicalismo se deva exclusivamente a esse ideal.

Para fechar, recordarei incidentalmente que se falou em enfeitamento pelo «canto das serenas», em comodismo, etc.

Porque quero mostrar-me superior a mim mesmo, apenas objectarei que o meu comodismo jamais me levou a dar a demissão de sócio do meu sindicato profissional, só porque alguma vez tivesse estado em desacordo com qualquer aliado pelo mesmo adoptado, o que sucede aliás com frequência. Assim tenho procedido eu, que sou apenas sindicalista.

Mas há anarquistas que fazem o contrário, embora seja certo que reivindicam o direito, e muito bem, de influenciar o seu ideal na organização sindicalista. Não terão, todavia, possibilidade de conseguirem que os anarquistas que fogem ao contacto das massas, que desertam do agrupamento profissional só porque este tomou determinada resolução contrária aos seus pontos de vista particulares.

Uma tal atitude, que tem muito de dogmática, se é indesejável em trabalhadores conscientes, muito mais o é nos que se afirmam anarquistas. Pois este acto antirevolucionário praticou-o há pouco—o meu contraditor.

17-XII-926.

Alexandre VIEIRA

UM COMBATE DE SOCO...

O jornalista José Nunes pôs "know-out" ao dr. Barbosa Viana

O dr. sr. Barbosa Viana, antigo governador civil, antigo director da Polícia de Segurança do Estado e antigo juiz do Tribunal de Defesa Social, injuriou há dias o nosso camarada de imprensa José Nunes, que faz serviço no governo civil.

O injuriado, farto de suportar as diatribes do valiente Barbosa, convidou-o para um duelo... Barbosa Viana primeiro recusou-se a pretexto de que não queria inferiorizar-se batendo-se com um jornalista.

Mas o «ofendido» provou-lhe que não era covarde e renovou o convite.

Então o dr. Barbosa Viana aceitou o duelo, não à espada nem à pistola, mas a soco!

E ontem, às 22 horas, numa azinhaga próxima do Campo Grande realizou-se o combate, o dr. Barbosa Viana, calçando luvas... de uma das melhores luvas e o nosso colega com luvas... de cinco dedos...

Não faltaram as habituais testemunhas que se limitaram a levantar do chão o dr. Barbosa Viana.

O jornalista José Nunes depois de alguns encaixes assentou um directo no rosto do juiz que o pôs K.O.

Depois tudo retirou sem ter que intervir o Tribunal dos Pequenos Delitos...

O sol da liberdade

Da cadeia de Setúbal, evadiram-se há tempos diversos presos, entre eles, Manuel da Silva o «Maneta» e outros dois de alcunhas, «Gadelhas» e «Palhinhas». No vapor procedente do Barreiro que chega a Lisboa, Terreiro do Paço, às 22,30 vinha o guarda 27, da polícia de Setúbal João Casalinho, que vindo a bordo os três fugitivos, teve a infeliz ideia de lhes deitar a mão ao desembarcarem. Estes tendo conhecido o guarda, ao chegarem ao Terreiro do Paço o «Gadelhas» e o «Palhinhas», evadiram-se deitando-se ao rio, tendo o guarda prendido o «Maneta» por se encontrar doente, tendo recolhido a enfermaria n.º 9 do Hospital de S. José devido ao seu estado ser precário.

Só os grandes ladrões da finança não precisam de fugir—porque não os prendem nem perseguem.

Um espectador que estava junto de Pereira da Rosa:

—Acredito... Acredito...

Carlos Reis quasi a chegar à meta:

—Não serei muito tempo moageiro.

E depois orgulhosamente:

—Tenho na família pessoas venerandas...

Como enumerasse essas pessoas o mesmo espectador de há pouco teve uma leve ironia:

—Esqueceu-se de nomear o seu irmão «Trailheira»...

Mais algumas frases e Carlos Reis terminou a lenda ao respeitável público uma síntese do seu discurso.

Segunda feira prossegue o espectáculo. Parece que a coisa nesse dia vai ser adocada visto exhibir-se um número palpitante—Acucare

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95\$00
Madrid cheque		3\$01
Paris, cheque		5\$79
Suiza, cheque		3\$78,5
Bruxelas cheque		2\$74
New-York, cheque		19\$60
Amsterdã, cheque		7\$84
Itália, cheque		3\$88
Brasil, cheque		2\$35
Suécia, cheque		5\$58,5
Austria, cheque		5\$24
Berlim, cheque		2\$77
		4\$67

TEATROS

São Carlos—A's 21.—Madame Butterfly. Nacional.—A's 21.—O homem e os seus fantasmas.

São Luís.—A's 21.—O Príncipe Orloff. Ginásio.—A's 21.—O caso do dia. Trindade.—A's 21.—O Marquês de Villener.

Politeama.—A's 21.—O Inimigo. Avenida.—A's 21.—O pé de salsa. Apolo.—A's 20,30 e 22,30.—A Mouraria. Eden.—A's 20,45 e 22,45.—Cabaz de Morangos.

Variedades.—A's 20,30 e 22,30.—O Pinto Calçado. Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo. Salão Foz.—A's 15 e 20,30.—Variedades.

Joaquim de Almeida.—A's 20,30 e 22,30.—Variedades e cinema às quintas feiras e domingos.

CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade.—Olimpia.—Matinées e soirées.—Salão Central.—Praça dos Restauradores.—Chiado Terrace.—Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condes.—Avenida da Liberdade.—Pathé Cinema.—Rua do Alentejo (Alcantara).—Cine Paris.—Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque Mayer. (Variedades).—Salão Lisboa.—(Mouraria).—Cine Esperança.—(Rua da Esperança).—Domingos, terças, quintas e sábados, às 20,30, animatôgrafo.—Salão da Promotora.—A's 20 horas.

Associação de Socorros Mútuos O DESTINO

Rua da Madalena, 199, 2.º—Lisboa

AVISO

Comprimos a lei estatuto convocamos a Assembleia Geral ordinária para o dia 22 do corrente, às 21 horas, com a ordem dos trabalhos seguintes:

1.º Aumento das cotas com a autorização concedida em Assembleia Geral anterior e ao abrigo do decreto n.º 908 de 6 de Agosto de 1926.

2.º Eleição dos corpos gerentes para o exercício de 1927 e do Delegado ao Tribunal Arbitral de Previdência Social. Caso neste dia não compareça número legal de sócios fica a transferência já convocada para o dia 29, à mesma hora e com igual ordem de trabalhos, sendo válidas as deliberações tomadas.

Lisboa, 18 de Dezembro de 1926.—O Presidente da Mesa, Paulo Gonçalves.

Associação de Socorros Mútuos IGUALDADE

Sede: Rua da Madalena, 199, 2.º—Lisboa

AVISO

Comprimos os estatutos convocamos a Assembleia Geral Ordinária para o dia 21 do corrente, pelas 21 horas, com a ordem dos trabalhos o seguinte:

1.º Aumento das cotas com a autorização concedida em Assembleia Geral anterior e ao abrigo do decreto n.º 908 de 6 de Agosto de 1926.

2.º Eleição dos corpos gerentes para o exercício de 1927 e do Delegado ao Tribunal Arbitral de Previdência Social. No caso de não comparecer número legal, fica a mesma transferida para o dia 28 do corrente, à mesma hora, podendo então funcionar com o menor número de sócios que compareçam, sendo válidas as deliberações tomadas.

Lisboa, 17 de Dezembro de 1926.—O Presidente da Mesa, Mário Monteiro.

Leilão de Penhores

R. A. M. Alegrete, 30

Recebo juros até 3 de Janeiro

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA, "IDEÁRIO" que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina — Crítica Social — Educação — Liberdade — Tática — Evolução — Revolução — Violência — Liberdade e Autoridade — Enxertos Filosóficos — Ideário — Ideias Iconoclastas — Moral — Temas socialistas — Pedagogia — Vida Espiritual — Homens e Representações — Trabalhos Políticos — Lecturas — Fragmento inédito.

Preço 1\$500 — Pelo correio 1\$650

Debitos a administração de "A BATALHA".

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório: Calçada do Combro, 33-B, 2.º

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a: FRANCISCO LATTA LARGO DO CONDE BARÃO, 55 Tabacaria e Kiosque

PELES!!!

A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a PELARIA CONFIANÇA

3—Rua da Palma—3-A

Esta casa tem sempre um grande stock de malhins para senhora, vindas directamente das melhores fábricas estrangeiras.

Barreiros & Jesus

TELES. N. 5691

Lotaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926

Premios maiores .. 4.000.000\$00 1.200.000\$00

Bilhetes a 1.100\$00 e quadragésimos a 27\$50, cautelas a 6\$00. Pelo correio mais \$80.

Pedidos a: Campião & C.ª 116, RUA DO AMPARO, 116 LISBOA

A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobretudo, peluches, roupas brancas, chapéus, artigos de lã, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobiliário em ferro e madeira, —na antiga e acreditada casa da Rua António Pedro, 52.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 5 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Viçar—4 horas.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—11 horas.

Pele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e 5 horas.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3, 5 e 7 horas.

Doenças das mulheres—Dr. Emílio Palma—2 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Mano—12 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 horas.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Cirurgia e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Reio X—Dr. Aleu Salgueiro—4 horas.

Análises—Dr. Gabriela Beato—1 hora.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada El drama de un amor vulgar, de J. Rodriguez Aragón. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A BATALHA.

Suplemento semanal ilustrado de "A BATALHA"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 423 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice) 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A BATALHA.

NORTE 5521 e 5528

São os telefones dos 60 taxis CITROËN (Palhinha amarela)

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro

GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21

SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresión capitalista»

Esta publicação em língua espanhola que encontra à venda na nossa administração, é um relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas, pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 14\$00 pelo correio, registado, 16\$00.

Estão publicados os seguintes fascículos:

1.º—La era de la esclavitud;

2.º—La rebelión de Espartaco;

3.º—Abolición de la esclavitud;

4.º—Abyección y Servidumbre;

5.º—La revolución de los siervos;

6.º—La miseria de los agricultores;

7.º—Transformación del Poder Feudal;

8.º—El comunismo cristiano;

9.º—Los miserables en la Edad Media;

10.º—La libertad ilusoria;

11.º—La agonía del absolutismo;

12.º—El trabajo motor universal;

13.º—El imperio de la guillotina;

14.º—Las ideas sociales y la revolución francesa;

15.º—Los primeros tiempos del salariado;

16.º—Hospitales, cárceles y asilos;

17.º—Las crueldades de la burguesía republicana;

18.º—Los heroes de la Comuna;

19.º—Horribles matanzas de Comunistas;

20.º—La República Española y la clase obrera;

21.º—La Primera Internacional;

22.º—El socialismo ante el Parlamento español;

23.º—El futuro obrerista profetizado por Castelar;

24.º—Pi y Suñer confunde a los enemigos del socialismo;

25.º—Los precursores del Proletariado moderno;

26.º—Crueldades burguesas;

27.º—Los mártires de Chicago;

28.º—Muerre heroica de cinco proletarios;

29.º—El proletariado en Am. Rica;

30.º—Los dictadores mexicanos;

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

Pedidos à administração de A BATALHA.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A BATALHA.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkimof. Preço 1\$50.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.

A venda nas livrarias e na administração de A BATALHA.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO

Abel Botelho—Amanhã.....	16\$00	Jorge Teixeira.—Galton de Luva Branca—A Escamalha (peças de teatro).....	2\$50
Alexandre Herclano.....		Infância Quintinha.....	8\$00
Lendas e Narrativas (2 volumes).....	18\$00	Visionários do Mar.....	8\$00
Cartas (2 volumes).....	18\$00	Cavalgada do Sonho.....	8\$00
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.).....	27\$00	Terras de Fogo.....	8\$00
Adolfo Lima.....		Dor vitoriosa (novela).....	2\$25
Contracto do Trabalho.....	10\$00	Laísant.—Iniciação matemática.....	5\$00
Educação e ensino.....	5\$00	Malvert.—Ciência e Religião.....	10\$00
O ensino da história.....	1\$50	Mário Domingues—Hugo, o pintor (t.v.e.).....	2\$25
Aquino Ribeiro.....		Anastácio José (idem).....	2\$25
Anatole France.....	3\$00	Manuel Ribeiro.....	
Estrela de São Tiago.....	10\$00	Poder redentor (novela).....	2\$25
Jardim das Tormentas.....	10\$00	Mirbeau.—O Jardim dos Suplícios.....	4\$00
Via Sinuosa.....	10\$00	Nogueira de Brito.....	
As Filhas da Babilónia.....	10\$00	I-Memórias de Angela Pinto.....	15\$00
Terras do Demo.....	10\$00	Sangue Fidalgo (novela).....	2\$25
Augusto Machado—Impossível redenção (novela).....	2\$25	Não, diz a Lei (novela).....	2\$25
Augusto de Sousa.—Folhas perdidas (Fados).....	10\$00	Pargame—Origem da vida.....	8\$00
Bente-Faria.—Missas novas (teatro em verso).....	2\$00	Oliveira Martins.....	
Binet-Sanglé.—A loucura de Jesus.....	4\$00	Helenismo e a Civilização Cristã.....	15\$00
Buckner.—O homem segundo a ciência.....	12\$00	História da Civilização ibérica.....	15\$00
Charles Darwin—Origem das espécies.....	14\$00	História da República Romana (2 volumes).....	30\$00
Campos Lima.....		História de Portugal (2 vols).....	30\$00
O Estado e a evolução do Direito.....	12\$00	Raças Humanas (2 vols).....	30\$00
O Amor e a Vida.....	5\$00	O Brasil e as Colónias Portuguesas.....	15\$00
Ceia dos Pobres.....	2\$00	Cartas Peninsulares.....	15\$00
A Revolução em Portugal.....	6\$00	Sistema dos mitos e efêcos religiosos.....	15\$00
Cristiano Lima.—A escola de Nun'Alvares (novela).....	2\$25	Orlando Marçal.....	
Duarte Lopes.—Frei Sangue.....	5\$00	Agua clara.....	6\$00
Ega de Queiroz.....		Imagens de Sonho.....	1\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Raul Brandão.....	
O primo Basílio.....	15\$00	Os Pescadores.....	10\$00
O Mandarim.....	8\$00	Os Pobres.....	10\$00
Os Meus (2 vols).....	28\$00	O teatro.....	8\$00
A Reliquia.....	15\$00	Spencer—Da Educação (br. 5\$00) (novela).....	8\$50
A Cidade e as Serras.....	12\$00	Seabra de Campos—Dois tiros (novela).....	2\$25
Fradique Mendes.....	9\$00	Tolstói.—A sonata de Kreutzer.....	4\$00
Casa Ramires.....	15\$00	Ana Karenine (3 vols).....	15\$00
Prosa Bárbara.....	10\$00	Toulouse.—Como se deve educar o espírito.....	4\$00
Ecce de Paris.....	9\$00	Wenceslau de Moraes.....	12\$50
Cartas Familiares.....	9\$00	Dai-Nippon.....	
Cartas de Inglaterra.....	9\$00	Victor Hugo.....	
Minas de Salomão.....	9\$00	França e Bélgica.....	10\$00
Notas Contemporâneas.....	15\$00	O Reno (2 v.).....	15\$00
Últimas páginas.....	15\$00	Os Miseráveis (2 grossos vols) ilustrados, encadernados.....	40\$00
Contos.....	15\$00	Zola.....	
Ernesto Haackel.....		A Taberna.....	12\$00
História da Criação.....	20\$00	Teresa Raquin.....	5\$00
Origem do Homem.....	5\$00	Alegria de viver (2 vols).....	8\$00
Os enigmas do Universo.....	14\$00	A conquista de Plassans, (2 vols).....	8\$00
Monismo.....	4\$00	Fecundidade.....	20\$00
Religião e evolução.....	6\$00	A fortuna dos Rougons, (2 vols).....	8\$00
As maravilhas da vida.....	14\$00	Uma página de amor.....	8\$00
Faquet.—Iniciação filosófica.....	5\$00	Dr. Pascal.....	8\$00
Iniciação literária.....	10\$00	FOLHETO.....	
Faria de Vasconcelos.....		Eliseu Rectus — Anarquia e a igreja.....	1\$00
Problemas escolares.....	5\$00	A Evolução legal e a anarquia.....	3\$00
Por terras de além mar.....	5\$00	Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.....	5\$00
Ferreira de Castro.....		José Prat — A burguesia e o proletariado.....	5\$00
Sangue Negro.....	2\$50	A necessidade da Associação.....	5\$00
Sendas de Lirismo e de Amor.....	8\$00	Conte — Contra o confusãoismo.....	3\$00
A peregrina do Mundo Novo.....	6\$00	Alfredo Neves Dias — Razão (poema social).....	5\$00
F. Castro e E. Fria — A Boca da Esfinge.....	8\$00	Ernesto da Silva — Teatro livre e Arte Social.....	3\$00
Flamarion.....		Landauer — Social Democracia.....	3\$00
Iniciação astronómica.....	5\$00	R. Meia — O princípio do fim.....	3\$00
Contos de luto.....	5\$00	A maçonaria e o proletariado.....	3\$00
Como acabar o mundo?.....	7\$00	J. Most — Peste religiosa.....	3\$00
Os habitantes dos outros mundos.....	4\$00	João P. do Rio.....	
Felix de Bantez — As influências ancestrais.....	10\$00	Definições sociais.....	5\$00
Filho de Almeida.....		Horas anárquicas (versos).....	5\$00
Lisboa Galante.....	10\$00	Trovas da Noite.....	1\$00
Estâncias de Arte e Saúde.....	9\$00	Roberto, o pescador.....	1\$00
Figuras de destaque.....	9\$00	Memórias do Parque de São João do Forte.....	1\$00
Actores e Autores.....	9\$00	— Carnet de Pensamento.....	2\$00
Contos.....	9\$00	J. Sakunine — O sentido em que os mos anarquistas.....	5\$00
A Esquima.....	9\$00	Chueca — Como não ser anarquista.....	5\$00
Avés Migratórias.....	9\$00	Lazare — A Liberdade.....	5\$00
Barbear, Pentear.....	9\$00	B. Etrivart — A minha defesa.....	5\$00
Cidade do Vício.....	9\$00	J. Kropotkin.....	
Pasquinadas.....	9\$00	Os bastidores da guerra.....	5\$00
Pais das Uvas.....	9\$00	Moral anarquista.....	5\$00
Sabam quantos.....	9\$00	O espírito revolucionário.....	5\$00
Vida errante.....	9\$00	O estado e o seu papel histórico.....	5\$00
Vida trágica.....	9\$00	J. Guedes — Lei dos Salários.....	5\$00
Guerra Junqueira — A morte de D. João.....	10\$00	Briand — A greve geral.....	5\$00
Musa em férias.....	9\$00	Roland — Rússia Nova.....	5\$00
Os Simples.....	7\$00	— O sindicalismo e os intelectuais.....	5\$00
A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo).....	14\$00	D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário.....	5\$00
Brochado.....	10\$00	A. Hamon — A crise do socialismo.....	5\$00
Gorki — Os Degenerados.....	4\$00	J. Santos — A transformação da sociedade.....	5\$00
Os Vagabundos.....	4\$00	Neno Vasco.....	
Na Prisão.....	2\$50	Georgicas.....	3\$00
Ibsen — Espectros.....	4\$00	Greve de inquilinos, teatro.....	1\$00
Casa de bonecas.....	5\$00	— Proletariado Histórico.....	1\$00
Jaquetin — História Universal, 2 v.....	10\$00	G. Archinof. — A Revolução social e o Sindicalismo.....	5\$00
Jaime Cortezza — Adão e Eva (teatro).....	5\$00	Carlos Rates — Aditadura do proletariado.....	1\$00
José Benedy — A ciência redentora (novela).....	2\$25	Emilio Chapeliér — Porque não creio em Deus.....	1\$00
Jesus Peloto — O mestre geral (novela).....	2\$25	Rodolfo Rocker. — O sindicalismo revolucionário e a organização operária.....	1\$00

—Está dito, meu velho, lá te esperamos, grandes e pequenos, operários e aprendizes. A propósito de aprendizes, como vai o Oliveira? Ainda hoje o não vimos. Pobre rapaz! parece que não está em bons lençóis! anda tão fraco que mal se pode ter nas pernas! E não é vontade que lhe falta, coitado! anda sempre à roda da oficina como uma alma penada, tanto é o seu desgosto por se ver obrigado a estar ocioso enquanto nós trabalhamos. Anteontem quis ele ver se punha a fecharia numa espingarda—um trabalho de menino!—mas logo se apoderou dele uma tal fraqueza que nós apenas tivemos tempo de abrir os braços para o ampararmos e levarmos para o jardim. O pobre rapaz tinha desmaiado.

—Havemos de tornar a falar nele. Talvez tenha que te pedir para lhe prestares um serviço.

—E' dizeses o que é; todos aqui são amigos do pobre rapaz, e eu sou nesse ponto como os meus camaradas.

—Obrigado, Castillon; eu já sabia que podia contar contigo! disse João Lebrenn, tocando a campainha. Tenho de dizer duas palavras a Gertrudes antes de ir ter com os meus amigos à oficina; mas não os farei esperar muito. Até já.

Apenas Castillon saiu, entrou Gertrudes, a quem João perguntou:

—Minha irmã está no quarto?

—Não, senhor, saiu há mais de duas horas, dizendo que talvez ceasse fora. Pobre menina! O sr. João devia chamar o médico que tratou o pequeno.

—Sabe onde ele está?

—Foi para o seu quarto logo à noite, dizendo que estava muito fatigado, com febre e arripios de frio. Pediu-me que lhe desse um esquentador com algumas brasas, para aquecer o remédio, o que logo lhe satisfiz.

—Peço-lhe, Gertrudes, que vá ver se ele está melhor e se precisa alguma coisa.

Gertrudes saiu, e João ficou pensa:

—Ah! que desgraças que eu entrevejo se, como

Carlota supõe e eu tenho todas as razões para crer, Vitória ama Oliveiros, e se também ele tem por ela uma paixão insensata!.. Fatal amor sem esperança!.. O passado de minha irmã, que foi noiva do irmão deste pobre rapaz, condena-a a não poder casar com ele. A diferença de idades não seria obstáculo ao casamento, mas minha irmã tem muita dignidade e muita firmeza de carácter para deixar de resignar-se à cruel situação que lhe impõe a memória de Mauricio, ainda que tal resolução devesse custar-lhe a vida. Só a partida dele pode exitar as desgraças que prevejo; é preciso decidir isto, e quanto antes...

Neste momento voltou Gertrudes e disse a João, com ar misterioso, quasi de susto:

—Oh! senhor, que extraordinária coisa!..

—O que é, Gertrudes?

—Quando ia para o quarto do pobre Oliveiros, passei deante da porta da menina Vitória, e senti passos no quarto dela.

—Então minha irmã não saiu?

—Perdão, sr. Lebrenn, eu mesmo a vi sair de casa, e ela até me entregou a chave do seu quarto.

—E' singular!.. Quem pode então andar no quarto dela?..

—Não percebo. Sua irmã nunca recebe visitas, e por isso muito me admirei de sentir passos...

—Explique-me o que se passou.

—Eu senti ou julguei sentir passos no quarto; não podia ser o sr. João, que estava aqui; nem sua senhora nem sua sogra, que estavam no primeiro andar, e por isso eu disse comigo mesma: «E' talvez algum malfeitor que se introduziu em casa». Então bati à porta e perguntei: «Está lá, menina Vitória?..» Como ninguém me respondeu, eu tornei a bater... e nada. Pensei então que fosse algum malfeitor. Fui a toda a pressa buscar a chave, e, arriscando-me ao que pudesse acontecer, abri a porta...

—Era a primeira coisa que devia ter feito, que logo se esclareceria tudo... E que viu?

—Não estava ninguém no quarto... Estava tudo na

melhor ordem, como de costume, no quarto da menina Vitória. A sua mesa de costura e outra mesinha onde ela costuma escrever estavam nos seus lugares ao pé da janela que dá para o jardim; e, como esta janela estava aberta, eu olhei e não vi corda nem nada que pudesse ter servido ao malfeitor para entrar nem para fugir... Olhei para debaixo da cama... revistei emfim o quarto todo, e... ninguém! Então pensei...

—Resultado disso que a nossa Gertrudes se enganou pensando ouvir andar alguém no quarto de minha irmã... Agora diga-me como vai o Oliveiros.

—Quando lhe bati à porta, dormia ele profundamente, porque não me ouviu à primeira vez.

—Ainda bem! Isso é um bom sintoma. E' que a febre terá desaparecido...

—Eu perguntei-lhe como estava e se precisava de alguma coisa. Ele respondeu-me que se tinha deitado depois de tomar o remédio bem quente, que acabava de pegar no sono quando eu o despertei, que estava melhor e que esperava passar bem a noite. Deu-me as boas noites e eu retirei-me.

—Pobre criança! oxalá que ele possa ter algumas horas de repouso!.. Vá dizer a minha mulher que eu vou à oficina, que não se inquiete com a minha ausência. Eu venho ceiar às dez horas, como sempre.

A fábrica de armas de guerra estabelecida por João Lebrenn na sua oficina de serralheiro ocupava então uns vinte operários; e todos, aprendizes, velhos, rapazes, rivalizavam em ardor cívico para desempenharem a sua missão... Bem sentiam que não se tratava dum trabalho ordinário. Tinham a consciência de que serviam a República fabricando armas destinadas aos patriotas que iam para as fronteiras. Com que ardor, portanto, eles trabalhavam, ora à luz duma lanterna pendurada na parede, ora à brilhante claridade da fornalha! As cadenciosas pancadas do martelo na bigorna acompanhavam as canções populares daquele tempo, repetidas em coro por vozes viris. Uma vez era a «Marselhesa», outras a «Carmagnole», outras a «Çá

ira», cujo estribilho breve e precipitado parecia bater o compasso para carregar.

Os operários interromperam de repente os trabalhos e os cantos à entrada de João Lebrenn. Castillon tinha-os prevenido alguns momentos antes de que o «amigo João», como cordealmente lhe chamavam, viria informá-los acerca dos acontecimentos do dia seguinte, a fim de suprir a falta de notícias que eles sentiam havia algum tempo.

—Cidadãos! disse Castillon assim que viu entrar João Lebrenn. A fim de perdermos o menos tempo possível, e de podermos ouvir o amigo João sem darmos de trabalhar, ponhamos de parte durante uma hora os martelos e as limas e tratemos de polir e armar as nossas espingardas, o que se pode fazer quasi sem barulho. Assim não deixaremos de trabalhar e estamos à vontade para ouvir atentamente o nosso amigo João.

—Apoiado! exclamaram os operários.

Após alguns instantes de barulho resultante da mudança de ocupações a que se iam entregar, restabeleceu-se o silêncio. João Lebrenn sentou-se no lugar que habitualmente ocupava, e depois, dirigindo-se aos companheiros, disse:

—Estamos em vésperas dum grande dia, irmãos! dum dia tão belo e tão decisivo como foram o «14 de Julho» e o «10 de Agosto». Espero que este dia salvará a Revolução, a República, a França, ameaçadas mais perigosamente do que nunca. Espero também firmemente que tudo se ha de passar sem que se derrame nem um pinga de sangue. Respeitemos a lei e a representação nacional!.. O povo há de saber elevar-se à altura da sua missão e vencer os seus adversários, não pela força das armas, mas pela sua influência moral... Admira-se a minha linguagem, aos meus amigos, quando são homens de acção por excelência.

—Isso é verdade, amigo João. Mas afinal, se se pode vencer sem combate, tanto melhor. Vá lá pela manifestação pacífica.

—Mais digna será ainda a vitória. Mas, para bem



NO CONCÍLIO DOS BISPOS

Dorme o Espírito Santo praguejam os teólogos

Nesta altura o sr. bispo da Guarda, atarrantado e comovido, dirigiu-se à capela mor e caindo de joelhos, mãos erguidas ao céu, exclamou:

— Spiritus meus atterrabitur. (Job, 17, 1).
— Isso foi sempre. Por isso conclua com o verso 10: *In profundissimum infernum descendit omnia mea.*

— Miserere mei Deus...
— Reze de preferência o v. 11: *spiritum rectum innova in visceribus meis.* Disso é que precisas... Mas, proseguindo. Eu podia documentar ainda a minha tese com um sem número de passagens, mormente do *Eclesiástico*, onde a mulher é posta no lugar que lhe compete. Não o farei, porém, atendendo ao muito que temos ainda a desfiar, noutras matérias. Exijo, no entanto, sr. Presidente, que me seja permitido, a fim de justificar inteiramente o meu ponto de vista, ler em voz alta, para que todos oçam, as divinas palavras que distastes ao profeta Ezequiel e a Santa Igreja registou nesse cap. XVII...

O Patriarca de Lisboa, cujos anos bastante pesam já, ao ouvir semelhante proposta não se pôde conter, e, erguendo-se do sôlo, caminhou para o centro dos conciliares, aos quais se dirigiu nestes comovidos termos:

— Estou velho, senhores para sofrer tão grande prova. Por caridade, deixem que eu morra na esperança de que a Igreja ainda pode salvar-se. Por quanto o que nós estamos presenciando, neste santo lugar, indica não estar longe o *dies irae* que os seus inimigos há tanto lhe preparam. E, o que é mais triste ainda, não são apenas os profanos que lhe vêm cavando a sepultura. Aqui mesmo, alguém que foi ungido, parece empilhado em quer, sem demora, amortalhá-la e em seguida pregar-lhe as táboas do caixão...

O orador que estava no uso da palavra, ao ouvir um semelhante aparte, que tomou como afronta, deu um pesado murro na tribuna, ao mesmo tempo que exclamava, em voz que longamente reboou de nave em nave:

— Senhor Cardeal e Patriarca: todos poderiam insultar-me, trazendo para aqui torpes insinuações, menos V. Eminência que representa aqui o Vigário de Cristo. Protesto com toda a veemência da minha alma! Tanto mais estando eu dentro da ordem e defendendo a moral que V. Em. deixou de observar e respeitar, porque deixou introduzir no santuário e no culto aquilo que entra como a vaca lasciva de que nos fala Oseas (4-16), servindo apenas para nos perturbar e dar a morte, como ainda agora demonstrava.

— Não apoiado!
Era o sr. bispo do Funchal que se erguera do canto onde tinha recolhido o seu espanto.
— Senhor bispo, regresso ao prudente silêncio a que se recolheu, ou se quiser, à sua ilha do Atlântico e deixe em paz nossas ovelhas.

— Não apoiado! Fora, fora!
Era o tumulto, desencadeado pelas palavras pouco serenas do orador. Alguns bispos chegaram mesmo a pegar em cadeiras para agredir o insolente, o que motivou a intervenção energica e decisiva do vigário capitular de Angola.

— Senhores, lembrem-se que está presente e é presidente desta assembleia a Terceira pessoa da Santíssima Trindade!
Tais palavras, ditas por aquele prestigioso missionário dos sertões africanos, caíram sobre aquelas cabeças inflamadas pela ira, como outros tantos baldes de água fria!
E' que se tinham esquecido já do Espírito Santo que haviam convidado a presidir, por aquela fórmula sacramental a que ele não deixa nunca de ceder.

Retomando, porisso, cada qual o seu posto, o orador continuou:

— Realando as minhas considerações, sr. Presidente, cumpre-me manifestar aos srs. conciliares que é inútil rebuscarmos a ambiguidade dos textos ou os sofismas cavilosos, porquanto já não podemos, como outrora, enganar Deus. (*Murmúrio em toda a sala*). Sim, meus srs.: já lá vai o tempo em que a Companhia de Jesus, com a torpeza do seu probabilismo, (o sr. bispo da Guarda assoa-se com violência) justificou ou poz em dúvida, todo e qualquer pecado, ainda o mais nefando. Não se iludam, srs., nem queiram iludir o Pai do Céu, que em nossos corações e em nossos cérebros está lendo como num livro aberto. Porque Deus, fiquem-no sabendo os srs. bispos, é ainda omnisciente. (*Rumor nalgumas bancadas*). Porisso, se julgais que, invocando razões de conveniência social ou política, corrompeis a Sabedoria Divina, estais em ilusão perfeita. Porque, além de ser inteligente, Deus é um recto juiz que não se deixa corromper. (*O sr. bispo adjutor de Braga, faz menção de intervir, a que não dá tempo o vemente caudillo da supremacia divina*). «Deus é grande», exclamou um dia um conceituado pregador. E eu acrescento: — Srs. bispos e teólogos: Deus é maior do que julgais!

— Ao ouvir estas palavras, o sr. bispo da Guarda, que é autor de várias obras piedosas, avança, erguendo nas mãos tremulas um pequeno *Manual da Doutrina Cristã*, dizendo ao mesmo tempo:

— Deus, o verdadeiro Deus está aqui. Oíça o sr. Coelho...
— Homenzinho de Deus, responde com gestos de piedade o inepido, fecha a cartilha e deixa isso conhecido...

— Dá-me licença?
Era o sr. arcebispo de Évora.
— Tem V. Rev. o que deseja.

— E' para lhe observar que estamos fora do assunto, que é — se devemos ou não consentir que as mulheres tomem ou não parte nas cerimónias culturais. E já que me permitis interromper-vos, vou declarar que voto pela afirmativa, porquanto na minha diocese os sacerdotes não bastam às necessidades espirituais e os leigos não se prestam a isso. Quando se convida alguém para ajudar à missa, ainda que seja um garoto da rua, diz sempre que tem mais que fazer. Em tais casos só nos resta solicitar as piedosas mulheres (*murmúrios maliciosos ao ouvido de vários assistentes*) para que nos prestem os serviços que estejam ao seu alcance.

— Mas, Rev. prelado; ao alcance das

mulheres estão os serviços mais abomináveis. Esclareça, sr., porque eu tremo pelas conclusões dessas premissas.

— Perdão. Eu limito-lhe o âmbito aos exercícios piedosos.

— A teologia, sr., mormente a que aparece com as inovações do século 16 e 17, pode justificar os actos mais libidinosos, a sombra de preceitos canónicos. Lembrem-se da quele frade espanhol, de que fala o cónego Lloronte: a pretexto de virtude e para lhes apasiguar as torturas da carne, teve cópula com todas as freiras duma comunidade, com excepção de duas, que eram velhas e feias. Vem na *Histoire Critique de L'Inquisition d'Espagne*, tom. 3.

— Deixe-me que lhe observe: a mulher não é tão má como o reverendo a está fazendo.

— Nem tão boa como V. Rev.ª a quer.

Tomás da FONSECA

(Conclui amanhã)

(I) Genesis, 49, 26.

CONSELHO TECNICO —DOS— TRABALHADORES DO TRAFEGO DO PORTO DE LISBOA

O Conselho Tecnico deste Organismo comunica às Agências de Navegação, Consignatários e Comércio em geral, de que procede às cargas e descargas nos Entrepósitos do Porto de Lisboa, com a máxima rapidez e boa execução, sob condições consentâneas de preço

Escritório: Largo do Marquês do Lavradio 6, 1.º

Tel. 629 Central — PRAÇA DO COMERCIO

CONFERÊNCIAS

Sindicato dos Profissionais da Imprensa

Na sede do Sindicato dos Profissionais da Imprensa realizou-se a sua anunciada conferência o nosso camarada Artur Portela, que dissertou largamente sobre o jornalismo moderno. Faz o elogio dos modernos processos do jornalismo, salientando várias figuras que pelos jornais têm passado.

Terminou por afirmar que nenhum jornalista pode abandonar a sua profissão por qualquer outra, pois que sendo o jornalista absorvente como de facto é, não se queimam todas as energias.

A próxima conferência realizar-se-á na quinta-feira próxima, sendo conferente o jornalista cubano sr. D. Eudino Mora.

"O valor social do Naturismo"

Sob este título realiza amanhã o nosso camarada Mário Domingues uma conferência na Sociedade Naturista, rua da Madalena, 225, 1.º, às 21 horas, em que encará o ideal naturista sob um novo aspecto de grande interesse para os idealistas de qualquer escola.

"A Federação das Cooperativas e a carestia da vida"

Na Cooperativa Familiar, rua dos Cordeiros, 39 e 43, em Pedrouços, realiza hoje, pelas 21 horas, uma conferência, subordinada ao título acima, o sr. dr. Reis Santos.

Ação do alcoolismo sobre a sensibilidade, a vontade e a dignidade

O alcoolismo perde a sensibilidade; indifferente à miséria e aos sofrimentos dos seus, chega a tornar-se cruel para com eles. A vontade abole-se; o alcoolico não pode resistir ao desejo de beber, desejo aumentado pela secura da boca e da garganta, devida ao próprio abuso do álcool.

Os sentimentos de dignidade desaparecem; o alcoolico não se importa de andar sujo nem rito; combatente e com aspecto desagradável, torna-se repulente: ninguém se quer dar com ele.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa Fabril Naval. — Comemoramos amanhã, pelas 12 horas, a passagem do 9.º aniversário da sua fundação, distribuindo um bode a 50 pobres, o qual constará de géneros alimentícios, realizando também pelas 15 horas, uma sessão solene, arborizando a musicalmente uma orquestra do Asilo Escola António Feliciano Castilho e para a qual estão convidadas a assistir várias entidades oficiais, a Federação Nacional das Cooperativas e outras colectividades congêneres.

Agradecemos, em nome dos contemplados, cinco bilhetes para o bode que para os nossos protegidos nos enviaram.

Hereditariedade

Os filhos de alcoolicos nascem mais fracos do que quaisquer outros; são muito excitáveis e, desde a mais tenra idade, estão sujeitos a convulsões, epilepsia, meningite, etc.; se conseguem escapar à morte são muitas vezes idiotas ou surdos-mudos.

Todos eles gostam imenso de beber, e estão expostos a doenças nervosas e a alienação mental.

Embragam-se com qualquer quantidade de alcool, por mais pequena que seja.

A sua vida é cheia de amargor e, em regra, muito curta.

Atentai nestas palavras, pais de família!

ACTIVIDADE SINDICAL

O movimento internacional do operariado da construção civil

Relatório do delegado da Federação Portuguesa que foi a Lyon participar de várias reuniões importantes

A Conferência Internacional da Construção Civil presidiu o camarada Schapiro, delegado da A. I. T.

O presidente pede para que se passe imediatamente aos trabalhos práticos, dizendo: Todos receberam os estatutos da comissão provisória; todos sabem do que se trata, os camaradas já discutiram no nosso congresso o assunto, e o melhor seria conceder a palavra ao secretário provisório da Conferência Internacional para que ele nos dê umas ligeiras impressões do que fez para a convocação da Conferência Internacional.

Buth, secretário provisório. — Considera que, depois dos dois congressos que acabam de se realizar, não há necessidade de muitos discursos, e mostra, ao mesmo tempo, o volumoso correio que recebeu desde que os trabalhos começaram. Julga não ser necessário ler toda aquela correspondência.

O segundo congresso da A. I. T., que se realizou o ano passado, decidiu a formação de federações internacionais; Portugal fora encarregado de se ocupar do assunto, mas a Federação da C. Civil não pôde, a pesar de alguma coisa ter feito, encontrar, no entanto, grandes dificuldades para tal conseguir. Em face disto, a sessão plenária decidiu entregar esse mandato à organização alemã da C. Civil, e foi assim que o camarada Buth ficou encarregado de iniciar os trabalhos nesse sentido. A central da C. Civil alemã aceita e usou-se em relações com o camarada Lausink. Houve uma conferência em Dusseldorf. Nesta conferência, as duas organizações iniciadoras prepararam cada uma o seu projecto de estatutos; após uma conferência realizada em Berlim, unificaram-se os estatutos, e elaborado o projecto foi enviado um apelo a todas as organizações da C. Civil sindicalistas revolucionárias: França, Alemanha, Portugal, Bélgica, etc. A A. I. T. recebeu um pedido para enviar a mesma convocação aos países um tanto distantes: México, Argentina, etc.

Todos conhecem o teor desse apelo, o qual veio publicado no *Proletário* e na *Voz do Trabalho*. Os iniciadores consideraram de capital importância que a futura Internacional fosse fundada com a estreita colaboração dos alemães, franceses, etc. Agora que nós já passámos alguns dias a ouvir-vos nos congressos da C. Civil e dos Sindicatos Autônomos, compreendemos todas as lutas que tiveram de travar contra a C. G. T. e contra a C. O. T. U.; felizmente que, como estais agora organizados, o trabalho tornar-se-há mais fácil.

Para os países germânicos foi-nos fácil chegar a um acordo, a língua formava um estreito laço entre nós; era mais difícil fazê-lo com os franceses e com os portugueses.

Tinha-se decidido que a conferência se realizasse em Dusseldorf, mas os acontecimentos sucederam-se mais rapidamente do que nós pensávamos, porquanto quando nós recebemos aquela carta da Construção Civil francesa enviada à comissão provisória, convidando os delegados estrangeiros a vir participar do congresso extraordinário da Construção Civil, apareceu perante a comissão provisória o dilema financeiro; se tivéssemos vindo aqui os delegados somente a título de camaradagem, teria sido necessário aguardar depois mais algum tempo para convocarmos a conferência internacional e mesmo assim haveria certa dificuldade; aproveitou-se pois o congresso de

Lyon para convocarmos simultaneamente a Conferência Internacional.

O camarada Buth indica a grande necessidade duma ligação internacional.

— Sem relações internacionais — diz — nós não teremos a possibilidade de fiscalizar os nossos membros.

— Nada nos separa hoje, talvez uma simples troca de duas ou três palavras sobre os estatutos; não é uma questão de palavras, mas uma questão de sentido. As organizações da Holanda e Suécia, responderam aceitando os estatutos elaborados, a F. C. C. portuguesa também; existe pois uma maneira de ver comum sobre os estatutos.

O presidente: Na ordem do dia publicada pela *Voz do Trabalho* diz-se para se proceder à eleição da comissão verificadora de mandatos; não devemos perder o nosso tempo; os camaradas têm os seus mandatos consigo e entregá-los-hemos a futura organização.

Boisson — Pergunta quais são as organizações que foram convocadas para participar da conferência.

O presidente — Indica que o México e a Argentina foram convocados, mas que as suas respostas não puderam chegar a tempo. No entanto estas duas organizações aderiram à futura Internacional.

Eis as centrais que deviam assistir à Conferência Internacional: Alemanha, Holanda, Suécia, Portugal, Bélgica, México, Argentina, Espanha e Noruega.

Na Noruega existe uma única central operária composta quasi exclusivamente de operários da construção civil.

Boudoux — Diz que em princípio a constituição da Federação Internacional da Construção Civil foi aceite; os sindicatos da construção civil encarregaram-nos de participar desta conferência.

O orador deseja que como se acaba de constituir a C. G. T. Sindicalista Revolucionária aderente à A. I. T., que esta constituição da nova C. G. T. a fazer com que os sindicatos da C. Civil que não são aderentes à respectiva Federação, dessem ingresso na mesma, bem como a Federação Internacional que se acaba de constituir, porque nós possuímos sindicatos da C. Civil suscetíveis de entrar na nova C. G. T., e que não pertencem ainda à respectiva Federação da C. Civil.

Foi aprovado o ponto de vista de Boudoux.

Jauve — Indica que acatam em conjunto o ponto de vista da constituição da Internacional da Construção Civil. Pede aos camaradas das outras centrais para nos desculparem se durante um certo tempo, por razões independentes da nossa vontade não nos combinámos provisoriamente como tinhamos feito, unicamente na Federação da C. Civil, sem nos ocuparmos das forças que nos rodeavam. No entanto nós não abandonamos a mão de obra estrangeira, e eu já me puzera em relações com os camaradas de Portugal para me ocupar das secções instáveis. Nós nunca nos opuzemos à constituição duma Internacional da Construção Civil, e somente os acontecimentos nos obrigaram a tomar uma atitude.

Agradeço aos camaradas Lausink e Buth os esforços que dispenderam. A situação hoje está clara, é inútil abrir discussões sobre o preambulo, e julgo que nós poderíamos dedicar à obra com toda a utilidade.

(Continua)

APOS UM MOVIMENTO

As consequências da acção perversa dos dirigentes dos caminhos de ferro de Lourenço Marques

Lourenço Marques, Novembro. — A acção do engenheiro Ruas a dentro dos Caminhos de Ferro foi deveras pernicioso.

Com o fim de fazer economias de cerca de 30.000 libras, lançou a classe na greve causando à provincia prejuizos colossais.

E ainda o que se fez depois, mandando para outros distritos da provincia operários que a mais existissem, poderia ter-se feito gradualmente, sem precipitar a classe na greve.

As tais tão decantadas economias e a completa normalização de serviços tão apregoada estão lá a vista de todos.

As máquinas e mais material encontram-se inutilizados, sem se poder fazer as reparações necessárias, porque falta tudo no caminho de ferro.

Os armazéns gerais, que para justificar economias não fizeram as compras necessárias, acham-se repletos de material e as oficinas não produzem, porque sem a matéria prima não se trabalha.

Mas o célebre oramento Ruas mostrava um *superavit* no papel, e isso bastou para justificar a atitude do seu organizador. O pior é que a prática demonstra que o *superavit* se traduzirá em *deficit* e que a situação ferroviária é mais grave do que antes da greve.

Estamos convencidos de que o tempo demonstrará cabalmente que a razão estava do nosso lado quando atacávamos a administração Ruas — Cabral, porque, seja dito em abono da verdade, o último é um dos maiores culpados do que a dentro dos C. F. L. M. se tem passado.

E' público e notório que a causa da greve foi a reorganização dos serviços do C. F. L. M., mas a verdade é que o facto de se querer despedir quasi 200 homens do serviço, foi o que precipitou a greve ferroviária.

Os srs. Ruas e Cabral entenderam que assim economicariam os C. F. L. M. cerca de 30.000 libras por ano e não pensaram que essa economia poderia redundar, como redundou, num prejuizo tremendo para a economia da Provincia, suspendendo o movimento ferroviário e do porto, ou pelo menos reduzindo-o extraordinariamente.

O sr. Ruas enviou de São Martinho do Porto, no dia 7 de Outubro, uma carta ao *Diário de Notícias*, tratando de assuntos do Caminho de Ferro.

Nela, o sr. Ruas condena o projecto de electrificação da linha, que daria lugar, ao que nos consta, à passagem da exploração para os mãos de uma companhia estrangeira.

O sr. Ruas que, desde Dezembro de 1925, vinha, em constantes boletins, que fazia publicar na imprensa, afirmando a mais completa normalização dos serviços ferroviários, que expedia notícias para os jornais da União fazendo as mesmas afirmações, e que levou o Alto Commissário a inundar o ministério das Colónias e a imprensa da capital, com telegramas com afirmativas idénticas, o sr. Ruas sabia, e bem, que essa normalização não existia! Sabia-o, mas não se cansava de afirmar o contrário e a pesar de ver, dia a dia, material transformarse num monte de sucata, foi impetente, mantendo uma atitude de intransigência inconcebível, não se rendendo ante a crua nudez dos factos.

O tráfego de carvão declinou e muito, e verdade, mas declinou por causa da orientação seguida pela direcção dos C. F. L. M., que, querendo fazer economias, atirou com esses serviços para a desorganização da greve.

O sr. Ruas não pode eximir-se à tremenda responsabilidade do acontecido. As economias que pretendia fazer, por mais de uma vez o temos dito, poderiam ser conseguidas à medida que fosse sendo eliminado o pessoal que não cumpria, e assim, sem estremeções, poderia ter-se conseguido atingir a meta, se a meta devesse ser atingida.

E ainda, tendo o sr. Ruas denunciado o acordo com o S. A. R., feito pelo seu antecessor, o engenheiro de verdade e administrador de senso, chamado Sá Carneiro, mais agravou a situação, tornando menos rendoso para nós o pouco rendoso transporte de carvão.

De resto quem quisesse olhar com olhos de ver para a situação em que se encontram os C. F. L. M., após um ano da data em que reventou a greve, não poderá deixar de nos dar razão e de concordar com a

Luta de classes

Os fabricantes de calçado contra a redução de salários

A luta dos fabricantes de calçado contra a redução de salários que os industriais pretendem fazer está assumindo grandes proporções.

Hoje reúne a classe em sessão magna para apreciar o momentoso assunto.

A propósito a Comissão de Melhoramentos do Sindicato dos Manufactores de Calçado fez distribuir um manifesto, do qual transcrevemos o seguinte:

«O vosso sindicato, a Associação dos Manufactores de Calçado de Lisboa, vem agitando esta importante questão, que parece ser de vida ou de morte para a classe: O ataque à tabela do sindicato, ou seja a redução dos preços de mão de obra.

Em momento algum se poderia explicar uma tentativa, por mínima que fosse, naquele sentido. Não é justo, não é humano reduzir os operários a uma mais precária situação de miséria, reduzindo-lhe a possibilidade de atender às suas necessidades económicas.

Os operários são homens com todos os direitos à vida. Se dessem direitos lhes restringem o principal — o direito de se alimentarem e a possibilidade de alimentar os seus — então teremos que considerar que os pretendem assassinar pela fome.

Não há meios termos. Não pode haver sofismas. A questão apresenta-se com toda a clareza.

A classe, por intermédio do seu sindicato, tem uma tabela de preços de mão de obra, que foi, em tempo devido, integralmente aceite e posta em prática pela unanimidade dos industriais. Como é que se explica que alguns d'elles — os obreiros, especialmente — estejam a desrespeitar essa tabela, reduzindo aos preços da mão de obra?

Trata-se, evidentemente, dum inqualificável abuso. Sim, abuse-se duma situação de crise, da qual não são culpados os operários. E, o que é pior, pretende-se agravar essa crise, colocando os operários em condições de não poderem adquirir o que necessitam, e este facto ainda agrava mais a crise geral.

Mas o que se passa tem um aspecto ainda mais grave. Esta redução surge no preciso momento em que sobe o custo da vida — o que é espantoso!

Como é que se pode aceitar uma redução nos preços de mão de obra, no preciso momento em que o custo da vida mais penoso se apresenta a todos os trabalhadores?

Não tem este facto todo o aspecto duma provocação à classe? Pois quê! Então quando era necessário aumentar aos salários para atender à alta constante do custo das subsistências é que se reduz os salários?

Não pode ser! Não pode ser e não será! Além dum maior prejuizo trata-se também dum apoucamento da dignidade da própria classe. E' uma extorsão aliada a um vexame! As necessidades e o sentimento de dignidade colectiva gritam: Basta!

Basta, sim! Basta de silêncio! Basta de sofrimento! Basta de inação!

E' necessário que a classe se manifeste colectivamente para demonstrar que não está disposta nem a suicidar-se nem a deixar-se assassinar pela fome lenta. Assim o compreende o sindicato, inspirado nos factos, nas necessidades e nas manifestações isoladas e dispersas da classe.

Como é preciso coordenar esforços e assentar no caminho a seguir, é a classe convidada a reunir, em sessão magna, hoje, pelas 21 horas, na sede da associação, travessa da Agua da Flor, 16, 1.º.

Que nenhum manufaturador de calçado falte! Viva a solidariedade operária!

Horário de trabalho

Reuniu extraordinariamente a Direcção da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, a fim de ser apreciado o pedido feito por uma minoria dos comerciantes de Lisboa junto do governador civil e ministro do Interior no sentido de se efectuar a abertura dos estabelecimentos às 8 horas e encerramento às 21, com permanência dos empregados, resolvendo levar junto daquelas entidades os seus mais veementes protestos contra tão absurda quão injusta pretensão.

opinião daqueles que, friamente, apreciam a sua orientação quando à frente dos serviços ferroviários.

Até nos custa a compreender como é que, numa terra como esta, que se diz civilizada, se exerçam actos que merecem tamanha condenação, mas a verdade é que isso sucede e que aqueles que dirigem os serviços ferroviários e do Porto, se deitam tranquilos, como se estivessem a bem com a sua consciência, satisfeitos por dever cumprido.

Um maquinista adoece, por exemplo, e está 3 dias impossibilitado de trabalhar. Esse maquinista que, para receber o salário estabelecido, tem de trabalhar 96 horas em cada duas semanas, recebe apenas 24, isto é, 72. Até aqui, não há grande razão para discordância, atendendo a que isso se dá com os maquinistas que o sr. João Belo demitiu sem processo, e que são considerados como assalariados. Sucede, porém, que esse maquinista que adoeceu e que não recebeu se não as 72 horas, fez serviço extraordinário, durante a noite, ou fora das horas de serviço, nos restantes dias.

De julgar é que a esse homem sejam pagas essas horas extraordinárias, não é assim? Pois tal não sucede!

Das horas extraordinárias são-lhe descontadas as 24 horas que deixou de trabalhar e as quais não lhe pagaram!

Quere isto dizer que pelo facto de só trabalhar 72 horas, os Caminhos de Ferro, só pagam esse tempo de serviço, mas com uma penalidade por não ter trabalhado, ou antes de ter estado doente, os Caminhos de Ferro ficam com 24 horas de serviço extraordinário que esse empregado fez!

Com que direito se pratica uma tal injustiça?

Compreendia-se, vá lá, que o Caminho de Ferro exigisse aos assalariados, um número de horas efectivas de serviço para lhes pagar o total dos seus salários, mas não pagar o tempo que não trabalham e depois apropriar-se do seu trabalho extraordinário, é o que não podemos deixar de condenar.

O que se faz a esse dinheiro, ou antes do que título é esse dinheiro inscrito nas colunas de receita dos C. F. L. M.?

Aparecerá sobre a rubrica de... Suor dos grevistas? — C.

Vida Sindical

Comunicações

Pessoal do Município. — Os corpos gerentes, na sua última reunião, apreciaram a circular dimanada do Comité Pró Presos por Questões Sociais. Incidiu sobre a mesma larga discussão, em face da situação do sindicato como aderente ao Socorro Vermelho. Resolveu-se, por unanimidade, que todos os presentes a esta reunião defendessem o critério da não adesão do sindicato ao Comité Nacional Pró Presos e a retirada da adesão ao Socorro Vermelho.

— Foi deliberado entrevistar o vereador da 5.ª Repartição (Jardins) a fim de que ele conceda ao pessoal da sua Repartição a mesma regalia que goza o das restantes Repartições da Câmara, que são três meios dias com vencimentos para poderem tratar das certidões de registo criminal, de idade e tirar o respectivo bilhete da lei.

— E ainda que, num dos dias da próxima semana, se inste com o presidente da Comissão Administrativa para que seja prorogado o prazo para as certidões de registo criminal, em face de 50 por cento do pessoal ainda não lhe ter sido possível cumprir a determinação da Câmara, uns por dificuldades financeiras, outros por dificuldades burocráticas da Boa Hora.

— Que se officie ao vogal do pelouro da 3.ª Repartição, expondo-lhe a situação de desigualdade em que se encontra o pessoal provisório, que continua em situação deprimida a face dos seus restantes camaradas.

— Deliberou, de acordo com o camarada Armando Códice, que de futuro a biblioteca esteja aberta todos os dias úteis, das 20,30 às 23,30 horas, assumindo elle o cargo de bibliotecário.

Ficou assente a compra de um dicionário e de outro livro de interesse para os militantes se educarem.

— A Comissão Administrativa lembra, mais uma vez, a todos os camaradas conscientes, que se encontra aberta uma quota no sindicato para Luís José de Abreu, preso no Forte de Monsanto.

Compositores Tipográficos — Reuniu ontem a assembleia geral extraordinária para continuação dos trabalhos pendentes, entre os quais figurava uma moção de Vergilio Moura Santos sobre a publicação em *O Gráfico* do relatório da direcção respeitante ao conflito das *Novidades* e do parecer apresentado pelos delegados gráficos ao Congresso dos Sindicatos Operários de Lisboa. Depois de varia discussão foi resolvido que a direcção procure a melhor forma de dar publicidade ao relatório do conflito das *Novidades* e quanto ao parecer publicá-lo em "separata" a fim de se distribuir pela classe.

Por José Augusto Machado, membro da direcção, foram expostas as "demarches" realizadas para a aquisição duma sede própria para a instalação dos organismos gráficos, tendo Carlos José de Sousa apresentado o seguinte documento que foi aprovado por unanimidade:

"Atendendo que se torna imprescindível à Associação de Classe dos Compositores Tipográficos adquirir uma sede própria pelos motivos já conhecidos de toda a classe;

Atendendo a que a direcção não tem descurado esse magno assunto e até no sentido que a sede possa comportar todos os organismos gráficos, velha aspiração dos trabalhadores do livro e jornal;